

Polidez e identidade: a virtude do simulacro

Jair Antonio de Oliveira*

Índice

1 Introdução	1
2 Polidez, simulacro e identidade	1
3 Polidez e Prozak: a identidade ajustada	5
4 Enfim @ Yahoo	6
5 Referências	7

1 Introdução

A reflexão desenvolvida aqui convergirá para um aspecto típico da dimensão social das interações: a polidez e a sua relação com a "produção" da identidade individual. Enquanto norma, institucionalmente investida de uma carga simbólica, a polidez converte-se em ritualização de gestos e discursos e assume, com frequência, uma função ambivalente de inclusão e exclusão dos indivíduos no espaço e na temporalidade em que é constituída. Diante desta complexa realidade, o que é considerado uma "regra de convivência" posiciona identitariamente os indivíduos nas diferentes ocasiões e, ao mesmo tempo, no intercurso dessas figurações sociais, é re-dimensionada pelos usuários da linguagem como "ações políticas" que invocam uma escolha típica da contemporaneidade, ou seja:

*Mestre em Linguística (UFPR). Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Pós-Doutor em Pragmática Linguística (IEL-UNICAMP).

a escolha entre "ser" e "parecer" com a intenção de dar sentido às práticas e relações sociais.

Metodologicamente, optamos por uma perspectiva Pragmática Linguística, pois como diz Rajagopalan (2002, p. 41), "a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isto significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua". Pragmaticamente falando, as ações polidas são fundamentais para refletir sobre a construção de identidades, pois dão uma moldura simbólica e material para os movimentos intencionais dos indivíduos. Deste modo, a abordagem pragmática deve voltar-se para o estudo das motivações sociais subjacentes às *escolhas* linguísticas, para a análise das *restrições* que os usuários encontram ao fazer uso da linguagem e, finalmente, que espécies de *efeitos* foram gerados por esses usos. O objetivo central é ressaltar que, apesar da espetacularização dos procedimentos polidos linguísticos e não-linguísticos, tais comportamentos têm uma função regulativa importante nas "negociações" das identidades individuais.

2 Polidez, simulacro e identidade

A polidez tem sido abordada a partir de múltiplas perspectivas e embora não haja uma definição conceitual a respeito, concorda-se

que envolve o uso de estratégias verbais e não-verbais a fim de manter a interação livre de problemas. Como objetivo inicial da interação, as estratégias ligadas à polidez visam transmitir uma imagem positiva do usuário a fim de obter um retorno favorável para o propósito em questão. Posteriormente, configuram o discurso e o comportamento dando início à negociação pragmática de acordo com as circunstâncias. Como "norma" social reflete o conjunto particular de prescrições explícitas que cada sociedade possui e que fixa comportamentos, estado de coisas ou maneiras de agir em determinadas situações. Há uma expectativa por parte do interlocutor de que as ações do "Outro" sejam polidas, e essa motivação tem uma base social, cultural e, principalmente, política. É preciso cuidado para que a associação da polidez com as ações discursivas não se resumam à qualidades abstratas que se fixam em enunciados específicos, itens lexicais ou morfemas, sem considerações às condições particulares que regem o seu uso.

Historicamente, a polidez já esteve relacionada à vida na corte e pertencer a essa casta significava comportar-se de acordo com os seus costumes dentro de um rígido esquema cerimonial que determinava os papéis individuais. O comportamento polido, embora representasse um fardo para os indivíduos, era fundamental para relacionar o sujeito com as suas "origens" e por isso era reiterado e considerado exclusivo das "pessoas de bem e de berço". Mesuras e salamaleques, esses signos do corpo, tornavam a polidez um equivalente ao espetáculo. O que importava, antes de tudo, é o que o olhar do Outro captava desses gestos, que tinham como referência regras diferentes daquelas de hoje: a equivalência para "ser" era o aparato e a de-

seenvoltura do espetáculo. A marca de distinção tornava-se uma prática de ilusão, ou seja, adquirir uma identidade significava se comportar em público como em uma espécie de palco, de cenário, onde a representação de elementos simbólicos garantia a inserção do sujeito no mundo aristocrático: "ser" era simular.

A simulação é fingir ter o que não se tem. Como observa Baudrillard (1991, p. 9), alguém que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas, portanto, põe em causa a diferença do "real" e do "imaginário". O simulador não está "fingindo" quando se apresenta como um indivíduo polido, pois se ele "imita" tão bem as atitudes aristocráticas é porque também o é. As figurações das tensões no âmbito da corte, por exemplo, contribuía para a "construção" de uma identidade individual onde a rigidez do cerimonial e os gestos solenes eram vitais para a sua associação com a *noblesse de robe*. Evidentemente, as regras de etiqueta não eram responsáveis por uma organização racional, no sentido moderno, do espaço da corte; mas essenciais para a construção identitária, uma vez que a incorporação dos comportamentos e procedimentos cortes¹ representava prestígio e marcava simbolicamente a divisão de poder entre os indivíduos.

Não havia, no caso, mudança na hierarquia que não se expressasse como mudança na etiqueta. Em contrapartida, a menor alteração no posicionamento das pessoas na etiqueta significava uma alteração no ordenamento social da corte e da sociedade de corte. Por esse motivo, cada

¹ Neste trabalho os termos "cortesia", "polidez" e "etiqueta" têm o mesmo contorno semântico.

indivíduo era extremamente sensível a toda e qualquer mudança na engrenagem, vigiando com atenção as mínimas nuances para que o estado de equilíbrio hierárquico fosse conservado (ELIAS, 2001, p.105).

Neste sentido, a polidez está associada à auto-imagem pública das pessoas, que é permanentemente monitorada, seja pelo indivíduo que realiza as ações consideradas polidas como por parte de seu interlocutor. Esta situação remete para a noção de face (GOFFMAN, 1979; BROWN; LEVINSON, 1978, 1987), mas tal conceito precisa ser repensado a partir de uma perspectiva Pragmática, com o seguinte entorno:

- a) "face" é uma "propriedade" criada em sociedade de forma coletiva e transpassada ao indivíduo por meio das crenças de cada grupo e cujos resultados são negociáveis nas interações;
- b) embora o indivíduo possa "negociar" os resultados de sua face, a autonomia que obtém é relativa;
- c) trata-se de uma autonomia relativa pois está sujeita às correlações que o indivíduo estabelece nas interações. Essas correlações refletem as *negociações, variações e adaptações* aos dados objetivos da situação imediata e, na mesma proporção, aos dados psicológicos percebíveis. Sob o rótulo "psicológico" estão os elementos *cognitivos e emotivos* das pessoas. Os elementos *emotivos*, por exemplo, são traduzíveis como disposições afetivas e de engajamento indispensáveis para a manutenção e continuidade das interações.

Os conceitos de "face" e "polidez" encontram-se intrinsecamente relacionados e não se trata apenas de uma questão de construção de imagem, mas de identidade. O modo "como" o sujeito deseja ser visto ou se apresenta em público vai além da performance do corpo e da língua, pois envolve aspectos simbólicos e psicológicos nem sempre perceptíveis que são responsáveis por comportamentos sociais individuais. Não se deve esquecer que os seres humanos são mais complexos que as categorias e os estereótipos que procuramos atribuir-lhes. Obviamente, a visibilidade da "forma" garante num primeiro momento a inserção do sujeito nos lugares sociais, mas nem sempre a aquisição ou manutenção do *status quo* pretendido, pois como disse Foucault (1987): "a visibilidade do indivíduo é a sua própria armadilha".

Na sociedade de corte a etiqueta era vital para garantir a ligação com o grupo prestigiado socialmente e, conseqüentemente, mostrar o que se "era". Na atualidade, o processo de construção identitária não prescinde dos comportamentos polidos, mas os relaciona com o *Ethos* do século. Os costumes agora exigem ações de simpatia para com os outros (NIETZSCHE, 1986). Desde pequeno, "o bom burguês" aprende a denunciar a vulgaridade, a falta de respeito e o individualismo mesquinho, atributos "estranhos" à sociabilidade. Evita-se cuspir no chão e enfiar os dedos na salada ou no nariz (pelo menos em público), pois isto denunciaria o transgressor como alguém que desconhece os códigos de conduta em sociedade.

Com o surgimento de novas formas de identificação trazidas pelos movimentos feministas, ecológicos, homoeróticos etc, são inúmeras as transformações sociais e histó-

ricas, no entanto, as pessoas ainda rejeitam ser classificadas como "estranhas" ou "desviantes" da "boa educação" (polidez). Tamanha é esta armadilha que mesmo os indivíduos que questionam publicamente a sua identidade sexual, um tabu para a maioria, relutam em ser apanhados pelo viés da *impoliteness*², pois, simbolicamente, isto equivale a adotar a performance sexual que rejeitam³. No diálogo de um filme que me escapa o título, o sujeito homoerótico diz ao interlocutor: "não seja rude querido, pois sexo é educado!" A ambigüidade desta fala aponta para pressupostos nem sempre levados em consideração, ou seja: como formas de subjetividade (identidade) são realidades lingüísticas e não uma realidade natural e como a crença preconceituosa se manifesta materialmente/simbolicamente no contexto da polidez.

"Transformando-se no século XVIII naquela polidez eminentemente democrática que exige dos homens o polimento de seu ser a fim de eliminar toda e qualquer aspereza que possa distingui-los uns dos outros nas suas relações" (LUCCHESI-BELZANE, 1993, p. 27), a sociedade deste século consagra em seu *ethos* o simulacro, exercitado por meio da polidez, que se imiscui em todas as relações sociais, tornando-se uma força determinante para a formação da identidade em nível pessoal. Fingir ser o que não se é torna-se uma espécie de paroxismo⁴ e simpatia, concordância, aprovação, generosidade,

² Reluto em traduzir *impoliteness* como impolidez, ou falta de polidez. Não sei se existe este oposto.

³ Identidade sexual onde o sujeito encontra-se "deslocado", "desajeitado", "violentado".

⁴ Estágio de uma doença, ou de um estado mórbido, em que os sintomas se manifestam com maior intensidade. A exaltação máxima de uma sensação ou de um sentimento (FERREIRA, 1975, p. 1039).

tato, são invocados para dar sentido às relações. Impera o *marketing* da cooperação permanente entre os seres humanos e ações lingüísticas politicamente corretas, a contraparte verbal da cultura somática contemporânea, se expandem como formas de maximizar benefícios para o Outro. O simulacro e a polidez adquirem o prestígio de um núcleo de produção de identidades fixas que se revelam unicamente no "parecer".

O marketing dos bons sentimentos relaciona-se à atual cultura somática, representada pelo culto ao corpo, e tem como propósito permitir que os "desconhecidos" sociais se transformem em simulacros das figuras cuja notoriedade foi construída pela força e exposição na mídia. Já que não é possível ter o que se deseja e nem ser eleito pelo marketing para a exposição publicitária permanente, simula-se os atributos físicos dessas figuras célebres (FREIRE COSTA, 2004). A contraparte desse processo, o discurso politicamente correto, parte do pressuposto de que as alterações nos comportamentos lingüísticos levam, necessariamente, à ações renovadoras no mundo, o que justifica um cuidado extremo com a escolha lexical e com a "forma" da língua. Ao representar nas escolhas lingüísticas o espírito da época, apenas se transfere de dimensão o culto ao "parecer", adornando os termos como se esses fossem corpos moldados e, portanto, mais ágeis semanticamente para agirem em/na linguagem/mundo. O engano ao se colocar o adereço de corpos e língua como impulso para qualquer transformação social está em não se levar em conta o jogo do simulacro implícito em toda essa situação. O gesto polido perdeu a relação simbólica que tinha com a *posição* do sujeito no mundo

e passou a representar a *presença* do corpo no mundo, realidade marcada unicamente pela materialidade das ações, que pode ser traduzida como o objetivo de representar em si, por meio do somático, a identidade idealizada.

O exemplo da linguagem politicamente correta, que procura evitar a discriminação e o preconceito nos discursos, não pode se esquivar de uma paranóica busca por um modelo *ideal de uso*. Trata-se de impingir aos usuários um procedimento e uma taxonomia de escolhas lexicais, sem verificar como a rede de crenças individual foi estabelecida pelas combinatórias lingüísticas que quer substituir. As redes de crenças são fundamentadas nos desejos individuais e coletivos, exigindo uma constante atenção para as circunstâncias e motivos em que são internalizadas. Por isto, qualquer tentativa de “modelar” usos da linguagem está destinada ao fracasso, uma vez que tais empregos constituirão unicamente de simulações.

O simulacro não é destituído de virtude, mas qual a virtude de uma sociedade simulacro, onde gestos e discursos tendem a *representar sempre o que não se é ou não se tem*? Quando a totalidade das ações é simulação, já não se pode estabelecer mais uma diferença entre o ser e parecer. Qual a diferença entre os quadros pintados pelo holandês Veermer e as “imitações” feitas por Van Meegeren⁵, que só foram “identificadas” quando o próprio “falsário” as denunciou? Essas produções artísticas constituem

⁵ Van Meegeren reproduziu dezenas de quadros de Veermer, todos considerados autênticos pelo experts em arte flamenga do século XVI e XVII. Criou novos quadros atribuídos à Veermer, como “Cristo em Emaús”. Hoje, é possível visitar o museu com as obras do “falsário” na Holanda.

o que Umberto Eco chamou de “hiporrealismo”, isto é, a representação que procura fazer com que todos acreditem na realidade que representa. Não são apenas telas, quadros, mas projeções de construções identitárias associadas à “tipos” ideais:

Esse irrealismo arquitetônico produz, em nível escultural, os corpos nus dos atletas, do Gênio da Vitória, de Wamper, dos guerreiros de Arno Breker, são academicamente corretos; bíceps e deltóides bem colocados, as mulheres têm até seis, parecem verdadeiros. Mas “parecem”. Porque, olhando ao redor, percebemos que essas figuras alegóricas se assemelham, não são indivíduos, mas tipos simbólicos abstratos; o realismo sabe sempre até onde ir (ECO, 1989, p. 56).

3 Polidez e Prozak: a identidade ajustada

Soma era o nome da droga da felicidade inventada por Aldous Huxley no romance “Admirável Mundo Novo”. As pessoas ingeriam Soma para ficarem ajustadas aos padrões biológicos e comportamentais impostos pela tirania em que viviam. Esse “modelador psíquico” criava um estado de felicidade permanente, permitindo às pessoas se harmonizar com a vida e seus semelhantes, ou seja: a instância da polidez era alcançada pela ação da droga em nível de fisiologia celular. No contexto atual, o Prozak (Cloridrato de Fluoxetina), usado por mais 20 milhões de pessoas em todo o mundo, parece conferir confiança social aos habitualmente tímidos. Depois de usarem a droga, os pacientes recuperavam o verdadeiro eu, e aquele

eu invariavelmente revelava ser mais extrovertido, confiante e com maior capacidade de recuperação (ROTHMAN, 1994, p. 6). Os relatos de pessoas cujos sentimentos de infelicidade, melancolia e falta de energia são tão constantes que isto já é parte integrante de suas personalidades, passam a variar depois de tomar Prozak. Essas novas "identidades" geradas pelo incremento das ações do neurotransmissor serotonina são caracterizadas como "agradáveis" e a polidez é reestabelecida com o apoio da psicofarmacologia.

Obviamente, as intervenções médicas e farmacológicas trazem mudanças significativas ao processo de adaptar os pacientes às normas prevalecentes, e isto também se aplica à dinâmica da redescritção das identidades pessoais dos envolvidos nessas "curas". Nessas circunstâncias, a polidez não será apenas o resultado das alterações subjetivas individuais, mas o reflexo da pressão coletiva para representar/criar um "eu" devidamente ajustado ao contrato social. Não se trata unicamente da busca do aumento do prazer, mas da adequação a uma cultura somática, onde o simulacro torna os indivíduos "normais" por meio da polidez e o consumo de um farmaco possibilita aos que apresentam "dolorosos sintomas" uma sensação de mudança positiva no seu jeito de existir.

Derrida (1991, p. 46-52) observou que "não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico.(...) o *phármakon* contraria a vida natural. O *phármakon* produz o jogo da aparência a favor do qual ele se faz passar pela verdade". E relacionando o *phármakon* à escritura afirma: "ela se joga no simulacro".

4 Enfim @ Yahoo

Guliver, em sua última viagem por lugares distantes, chega à Terra dos *Houyhnhnms*, que significa "cavalo", e na sua etimologia "a perfeição da natureza" (SWIFT, 1984, p.231). Nesse lugar, os seres irracionais são os humanos, chamados de *Yahoos*, cujos atributos são: a preguiça, a maldade, a traição, a vingança e o forte apego à sujeira. Tais seres odiavam-se entre si mais do que outras espécies animais. O motivo estava na própria odiosidade de suas formas que não podiam ver nos outros, mas apenas em si mesmos. Para os *Houyhnhnms*, Guliver também é um *Yahoo* e por mais que tente esclarecer o seu desgosto por assim ser identificado, seus esforços são em vão. Ao longo de sua estada nessa terra, Guliver empenhou-se para dissociar a sua imagem e identidade da natureza bruta, degenerada e irracional dos *Yahoos*. "Meu principal esforço foi aprender a língua que o meu senhor (como doravante o chamarei), seus filhos e criados da casa desejavam ensinar-me" (ibidem, p. 205). Era preciso parecer racional, benevolente e amigo, decente e civilizado como os habitantes dessas plagas. Aprender a língua dos *Houyhnhnms*, demonstrar cuidados de higiene com seu corpo, cuidar na escolha dos alimentos e mostrar deferências nas relações com os equinos tornou-se a prática cotidiana de Guliver. Com o tempo, imitava tão bem os seus anfitriões que, não fosse a forma física, seria considerado um igual. O infortúnio fez com que Guliver tivesse que retornar ao seu lar na Inglaterra, mas ele jamais esqueceu as palavras do alazão no momento da despedida: "*Hnuy illa nyha, maiah yahoo*" (ibid. p.253), ou seja: "Tenha cuidado consigo, gentil Yahoo" (o negrito é meu). A iden-

tidade se constrói na língua, e não é preciso muito esforço para perceber como os @ Yahoos têm disseminado "a coisa que não é".⁶

5 Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- BROWN, P. ; LEVINSON, S. *Politeness*. Cambridge: CUP, 1987.
- DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- ECO, Umberto. *Sobre os Espelhos*. Rio: Nova Fronteira, 1989.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio: Zahar, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio: Nova Fronteira, 1975.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREIRE-COSTA, Jurandir. *O Vestígio e a Aura*. Rio: Garamond, 2004.
- LUCCHESI-BELZANE, Martine. Um Vazio Essencial. In: *Polidez*. Porto Alegre: L&PM, 1993.
- NIETZSCHE, F. On truth and lie an extramoral sense: In: *Deconstruction in context*. Chicago: UCP, 1986.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Conceito de Identidade em Lingüística. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e Identidade*. Campinas: Mercado das letras, 2002.
- ROTHMAN, David. Artigo jornalístico. São Paulo: jornal Folha de São Paulo, *Caderno Mais*, ed. 27/02/94, p.6-6.
- SWIFT, Jonathan. *As Viagens de Guliver*. Rio: Edições Bloch, 1984.

⁶ Uma tradução para "mentira" na língua dos alazões.